

BARROS, Solange Maria de. *Realismo crítico e emancipação humana – contribuições ontológicas e epistemológicas para os estudos críticos do discurso*. Coleção: Linguagem e Sociedade Vol. 11. Campinas, SP: Pontes Editores, 178 páginas, 2015.

Resenhado por Ana Cláudia Camargo Carvalho<sup>1</sup>  
(Universidade de Brasília)

A obra de Barros resultou de estudos de pós-doutoramento realizados no Instituto de Educação da Universidade de Londres, sob a orientação do filósofo Roy Bhaskar. A autora procura associar a filosofia do Realismo Crítico (RC) à abordagem teórico-metodológica da Análise Crítica do Discurso (ACD) no intuito de destacar a importância da ontologia e da epistemologia para os estudos críticos do discurso.

O livro encontra-se dividido em quatro partes. A primeira parte aborda o Realismo Crítico; a segunda refere-se à Análise Crítica do Discurso; a terceira é dedicada à abordagem qualitativa de pesquisa; e a quarta destina-se às experiências realizadas na Escola “Meninos do Futuro” (Centro Socioeducativo do Pomeri).

Na primeira parte do livro, intitulada Realismo Crítico, a autora resgata algumas tradições na filosofia da ciência, tais como o racionalismo e o empirismo. Em seguida, trata do pensamento filosófico do Realismo Crítico, exponenciado pelo filósofo inglês Roy Bhaskar. A autora advoga que, em se tratando de filosofia de cunho *emancipatório* (BHASKAR, 1998), o Realismo Crítico tem sido base de uma reflexão teórica e metodológica de muitos cientistas sociais que almejam compreender as inter-relações entre indivíduos e sociedade. Dessa forma, essa teoria busca compreender as conexões entre os fenômenos e não as regularidades entre eles. Reconhece, portanto, a necessidade de interpretar os significados ainda que não seja a única maneira para as explicações causais, considerando que razões podem ser causas.

Além disso, Barros acrescenta que o RC se apresenta em três ondas. A primeira onda subdivide-se em *realismo transcendental*, *naturalismo crítico* e *crítica explanatória*. Já a segunda, *realismo crítico dialético*, evidencia uma metacrítica das filosofias anteriores, nos domínios do ontológico, epistemológico e ético da realidade. Essa teoria tematiza conceitos a respeito da não identidade, negatividade, totalidade e agência transformativa. Por fim, a terceira onda volta-se para o interesse de questões espirituais do filósofo.

---

<sup>1</sup> Doutoranda junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília. Professora de Língua Portuguesa no Colégio Militar de Brasília.

A segunda parte destina-se à Análise Crítica do Discurso. São feitas considerações acerca da aproximação da ACD e do RC. Para melhor compreensão, a autora faz referência à defesa da ontologia social por Bhaskar (1978) e às ideias de Fairclough (2003), o qual assegura que a perspectiva social em que se baseia é a realista, fundamentada em uma ontologia realista. Cabe ressaltar, todavia, que Barros chama a atenção para a negligência dos realistas em relação aos estudos da semiose bem como algumas implicações para a ACD.

A seguir, Barros concentra-se no diálogo teórico entre a ACD e a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), teoria da linguagem desenvolvida por Halliday (1994) e ampliada em Halliday e Matthiessen (2004). Fairclough (2003) propõe uma mudança intencional das “macrofunções” de Halliday (1994), que são a ideacional, a interpessoal e a textual para “categorias de significados”. O propósito de Fairclough, ao reformular seu modelo teórico, é fazer uma proposta para uma análise de discurso textualmente orientada, voltada para a pesquisa social científica, “passando pelas implicações de poder, ideologia e identidades sociais do mundo pós-moderno até questões de luta e conflito social” (SILVA, 2012, p.227). Nessa perspectiva, três categorias são sugeridas por Fairclough: o significado acional, o significado representacional e o significado identificacional. Ressalte-se que essas categorias envolvem três significados do discurso, os quais atuam simultaneamente em todos e quaisquer enunciados: nos modos de agir (significado acional), nos modos de representar (representacional) e nos modos de ser (identificacional), associando-se respectivamente a gêneros, discursos e estilos.

Por fim, a autora apresenta o Modelo transformacional da atividade textual (MTAT), com base na ACD e no RC, que pode ser interpretado como “um conjunto de estruturas, práticas e convenções que as pessoas podem reproduzir ou transformar através da linguagem” (p.94). O termo texto, nesse modelo, refere-se tanto à atividade textual quanto ao produto da atividade, pois, para Barros, não existe uma única atividade textual.

A terceira parte do livro configura uma abordagem da pesquisa qualitativa. Para tanto, Barros evoca a posição de Denzin e Lincoln (2006) para explicar que uma pesquisa qualitativa objetiva focar um fenômeno em termos de significados que as pessoas a ele conferem. Tem-se, então, como métodos mais utilizados o estudo de caso, etnografia, narrativas de vida e pesquisa-ação. Com base nos referidos autores, Barros esclarece que as técnicas de coleta são a entrevista e a observação participante, bem como os métodos de análise utilizados, que são a análise de discurso, a análise de conteúdo e a análise narrativa. Nesse viés, porém, destaca a autora que o processo de pesquisa qualitativa arquiva três conjuntos de decisões relacionados

com a ontologia, epistemologia e metodologia. Além disso, assevera que as orientações ontológicas, epistemológicas e metodológicas, no que tange à abordagem qualitativa, são importantes para o pesquisador preocupado com a desigualdade e injustiça social. Por isso, para ela, a abordagem da ACD adota uma posição ontológica crítico-realista. O modelo de análise proposto por Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2010), com base na *crítica explanatória* de Bhaskar (1998), é formulado em cinco estágios. Barros propõe o sexto estágio: *definição de um novo problema de pesquisa*. A autora assegura que o pesquisador crítico deve permanecer por um longo período de tempo no contexto social de pesquisa, considerando os obstáculos que emergem a cada investigação.

A quarta parte é dedicada às experiências realizadas na escola Meninos do Futuro (Centro Socioeducativo do Pomeri), localizada em Cuiabá/MT. Em um primeiro momento, a autora aduz reflexões sobre a formação crítica do educador de línguas e faz perguntas a respeito da importância da teoria social crítica para a compreensão dos fenômenos sociais existentes na modernidade e das maneiras de os professores poderem ser agentes críticos de mudança na escola e na comunidade. Esses questionamentos são importantes para os formadores de educadores de línguas que, segundo Barros, desejam, assentados numa perspectiva crítica, repensar seu papel profissional na sociedade. A seguir, é enfatizada a relevância de trazer à tona reflexões sobre a teoria crítica da sociedade. Na sequência, são apresentados os três níveis de reflexão concebidos pela autora que poderiam contribuir para a formação do educador crítico de línguas, a saber: 1) estrutura interna que envolve emoções, valores, sentimentos. Nessa estrutura, o educador pode engajar-se em projetos sociais e de responsabilidade solidária, por meio de vontade ou desejo; 2) relações microssociais, notando-se questões inerentes à sala de aula. 3) relações macrossociais, atentando-se para problemas vividos pela comunidade, além dos muros e portões da escola. Depois, Barros discorre sobre o projeto intitulado “Formação contínua do educador: (re) construindo a prática pedagógica”.

A leitura flui de uma forma agradável, aguçada pela obra que traz uma nova perspectiva de análise e retoma conceitos propostos advindos do Realismo Crítico. De forma pontual e esclarecedora, a autora passeia por teorias, como Linguística Sistêmico-Funcional, Análise Crítica do Discurso e algumas categorias com base em Van Leeuwen (1997). Trata-se de um livro que deve ser utilizado como fonte de pesquisa, sobretudo, por suas ferramentas de análise, o que o torna valioso para analistas do discurso que buscam revelar caminhos, tanto pela

interioridade (gramática) quanto pela exterioridade (discurso) da linguagem, rumo a reflexões que apontam para a construção de uma nova ordem social.

Recebido em: novembro de 2015  
Aprovado em: novembro de 2015  
a.claudiac@yahoo.com.br

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BHASKAR, R. *A realist theory of science*. Brighton: Harvester, Press, 1978.

\_\_\_\_\_. *The possibility of naturalismo: a philosophical critique of the contemporary human Science*. Brighton: Harvester, 3ª ed, 1998.

DENZIN, N.K.; LINCOLN, I.S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed; Bookman, 2006.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse*. Routledge: Taylor & Francis Group. London e New York, 2003.

HALLIDAY, M.A.K. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M.A.K. & MATTHIESSEN, C.M.I.M. *An Introduction to functional grammar*. 3ª ed. Londres: Arnold, 2004.

SILVA, D.E.G. *Estudos críticos do discurso no contexto brasileiro: por uma rede de transdisciplinaridade*. EUTOMIA Revista de Literatura e Linguística, Recife, n. UFPE, pp. 224-243, 2012.

VAN LEEUWEN, T.A. A representação dos atores sociais. In: Emília R. Pedro (org.), *Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Caminho, pp. 169-222, 1997.